

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE - FACES
CURSO DE ENFERMAGEM

RAIMARA FERREIRA DE ANDRADE COSTA

**CARACTERÍSTICAS DOS AGRESSORES DE *BULLYING* DE UMA ESCOLA
PÚBLICA DE UMA REGIÃO ADMINISTRATIVA DE BRASÍLIA-DF**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em forma de artigo como requisito do Curso de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), sob orientação da Professora Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio.

BRASÍLIA-DF

2019

Características dos agressores de *bullying* de uma escola pública de uma região administrativa de Brasília-DF

Raimara Ferreira de Andrade Costa¹
Julliane Messias Cordeiro Sampaio²

RESUMO

Bullying é um tipo de violência escolar com resultados danosos aos envolvidos, seja no papel de vítima, agressor ou testemunha. O objetivo desta investigação foi identificar o perfil de agressores de *bullying* em uma escola pública de uma Região Administrativa do Distrito Federal, por meio de um diagnóstico situacional, através de um questionário estruturado. Tratou-se de um estudo descritivo e transversal de abordagem quantitativa. Através desta pesquisa constatou-se que o *bullying* faz parte da realidade da escola, tendo como principais praticantes alunos do 7º ano (32,26%) e meninas (54,84%), responsáveis por violências do tipo indireto, como fofocas (23,52%) e utilização de apelidos (20,58%). Os resultados demonstraram ainda que, grande parte dos agressores nunca reprovou (87,10%) e, de forma equivalente, não sentiram nada e/ou sentiram vergonha (31,82%). Concluiu-se, que o reconhecimento do perfil destes agressores torna possível a elaboração de intervenções a fim de reduzir os episódios e consequências destas agressões.

Palavras Chave: *Bullying*; agressor; violência escolar.

Characteristics of bullying offenders of a public school in an administrative region of Brasília-DF

ABSTRACT

Bullying is a type of school violence that results in harm to those involved, whether in the role of the victim, the offender or the witness. The objective of this investigation was to identify the profile of bullying abusers in a public school of a Federal District Administrative Region, through a situational diagnosis, through a structured questionnaire. It was a descriptive and cross-sectional study of quantitative approach. Through this research it was verified that bullying is part of the school reality, having as main practitioners 7th grade students (32.26%) and girls (54.84%), responsible for indirect type violence, such as gossip (23, 52%) and use of nicknames (20.58%). The results also showed that most of the aggressors never failed school (87.10%) and, equivalently, they felt nothing and/or felt shame (31.82%). It was concluded that the profile recognition of these aggressors makes it possible to elaborate interventions in order to reduce the episodes and consequences of these aggressions.

Keywords: *Bullying*; aggressor; school violence.

¹ Estudante de graduação do curso de Enfermagem – FACES/UniCEUB

² Professora Titular do Curso de Enfermagem – FACES/UniCEUB

1 INTRODUÇÃO

Bullying é um tipo de violência escolar, definida como a utilização de atitudes agressivas, sejam físicas ou psicológicas, sem justificativas evidentes, que acontecem sucessivas vezes, com o intuito de discriminar, hostilizar e humilhar alguém aparentemente mais vulnerável ou incapaz de encontrar um modo eficaz de defesa. Estes comportamentos violentos, em sua maioria, são praticados por um aluno ou grupo de alunos com mais força, tendo como vítimas, preferencialmente personagens com qualidades físicas, étnicas, socioeconômicas e inclinação sexual intrínsecas. Constitui-se atualmente como importante objeto de pesquisa e investigação em estudos nacionais que, frequentemente são divulgados pela mídia (GOMES; REZENDE, 2011).

Em relação ao caráter e formas, o *bullying* pode ser experienciado de maneira direta e indireta, podendo evidenciar-se dos mais diversos modelos, englobando desde atitudes agressivas de cunho físico (socos, pontapés, empurrões, etc.), verbal (fofocas, xingamentos, difamação e apelidos), psicológica (ameaças, insultos, discriminação e chantagens), até o *cyberbullying*, prática mais recente na qual o agressor utiliza de tecnologias de comunicação para propagar mensagens caluniosas e difamatórias com o propósito de denegrir a imagem das vítimas (SILVA *et al.*, 2014).

Além das formas citadas anteriormente, é indiscutível que no contexto escolar, é possível observar outros comportamentos que evidenciam violência das mais diversas naturezas e tipos de exteriorização. Exemplo disto são as agressões de caráter político, manifestada por meio de imposições ideológicas ou atos terroristas, podendo resultar em agressão física. A violência cultural, mediante a não aceitação da personalidade cultural e recolocação de uma cultura e valores individuais forçados. E por fim, a violência sexual, na qual o agressor utiliza-se do desequilíbrio de poder, com ou sem violência física, para abusar sexualmente de uma criança ou adolescente, forçando estes a práticas sexuais (BARROS; CARVALHO; PEREIRA, 2009).

Independentemente da forma de demonstração, o crescimento das práticas de *bullying* requer medidas para o reconhecimento, bem como, para o enfrentamento destas, ao passo que o *bullying* constitui importante aspecto de violência social e escolar (ALBINO; TERÊNCIO, 2012).

Neste contexto, emergem os atores desse tipo de violência: vítimas e agressores, em envolvimento direto e, as testemunhas que estão envolvidas de maneira indireta, como espectadores das práticas repetitivas do *bullying* escolar.

Para Tognetta e Vinha (2010) os autores das agressões são sujeitos que, escolhem de forma intencional seus alvos, direcionando suas ações para diminuir e/ou ferir aqueles que julgam fracos, diferentes ou merecedores. Isso ocorre dado a algum atributo do (s) estudante (s) que eles selecionam para serem alvos de perpetração da violência, como, por exemplo, cor da pele, uso de óculos, aparelhos ortodônticos, desempenho com notas, dentre outros.

As vítimas, por algum motivo, se sentem incapazes de se defenderem das condições que lhes são impostas, ou seja, são indivíduos inseguros consigo mesmos, o que agrava a situação. Para que haja a exteriorização das práticas violentas, é necessário um público, e estes, em grande parte, parece concordar com o que vê, seja por medo de serem as próximas vítimas ou até mesmo por indiferença e aceitação, tornando-se necessário buscar compreender tanto aqueles que atacam, quanto os que se submetem a tais atos, bem como, aqueles que apenas assistem as cenas de violência (TOGNETTA, 2010; 2013).

Neste âmbito, a literatura tem apresentado, em sua maioria, investigações sob a perspectiva de vítimas. Brino e Lima (2015) apontam em seu trabalho as principais consequências, em curto e longo prazo, do *bullying*. No entanto, apesar do crescente número de trabalhos relacionados ao tema, Forlim, Stelko-Pereira e Williams (2014) afirmam que as investigações no quesito consequências do *bullying* ainda são poucas, sendo mais frequentes a realização de trabalhos exploratórios e, em busca de dados sobre a prevalência da temática.

Segundo Salomão e Xavier (2017) as testemunhas, por vezes, são condizentes e/ou incentivadoras das manifestações violentas, isto pode ocorrer como forma de autoproteção ou mesmo por indiferença frente à situação, tal atitude faz com que o número dos casos de *bullying* aumente. Nesta circunstância, uma investigação internacional apresentou esse tipo de envolvimento indireto como algo passível de investimento, através de vigilância constante e apoio aos envolvidos para enfrentarem o problema (KÄINÄ *et al.*, 2011; PAULOWSKI, 2016).

No que tange os agressores, as investigações ainda são bastante singulares e apresentam em sua maioria, as características desses estudantes em conjunto com vítimas e testemunhas. Gomes (2011) afirma que o agressor é um sujeito que pode ver no *bullying* uma forma de suprir suas carências. Sampaio *et al.* (2015) afirma que estes apresentam maior potencial de envolvimento com o uso de substâncias psicoativas. Silva *et al.* (2015, p. 3), em seu trabalho apresentou as emoções de agressores após perpetrarem algum tipo de violência contra vítimas, segundo os autores “um dos aspectos que pode ajudar a esclarecer o comportamento dos agressores é o modo como se sentem em relação às agressões que praticam e quais emoções se encontram a elas associadas”.

Dados da última investigação nacional sobre a saúde do escolar revelaram que nos 30 dias que antecederam a pesquisa, quando questionados sobre a prática de *bullying*, 19,8% dos estudantes responderam ter praticado algum tipo de agressão (Pesquisa nacional de Saúde do Escolar-PeNSE, 2016). Apontando, dessa maneira, a necessidade de conhecer o perfil desses estudantes, causadores do início do ciclo de violência no ambiente escolar, a fim de que tomadas de decisões quanto às estratégias de intervenção para enfrentamento deste tipo de violência sejam realizadas pela comunidade escolar local, na perspectiva de minimizar os danos causados pela exposição ao *bullying*.

Neste sentido, o objetivo do presente estudo foi identificar o perfil de agressores de *bullying* em uma escola pública de uma Região Administrativa do Distrito Federal.

2 MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo e transversal de abordagem quantitativa. Neste estudo, os dados foram provenientes de um banco de dados da orientadora professora Julliane Messias Cordeiro Sampaio “A atuação da enfermagem no diagnóstico situacional do *bullying* escolar na Capital Federal”, que avaliou a dinâmica do fenômeno nas regiões de ensino do Distrito Federal, submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB sob CAAE de nº 80199617.6.0000.0023 e aprovado sob parecer de nº 2.542.317, de 13/03/2018, respeitando-se as prerrogativas da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), então vigente na ocasião da análise junto ao CEP. Aos alunos menores de 18 anos, solicitou-se consentimento dos seus pais ou responsáveis legais, mediante assinatura do TCLE e seu assentimento mediante assinatura do TA.

O critério para seleção dos usuários no banco de dados do estudo mencionado foi: alunos do 6º ao 9º ano de escolas públicas que haviam respondido “sim” para as perguntas: “Você já ameaçou, humilhou ou agrediu na escola?”

Dos 512 alunos selecionados, em estudo anterior, foram excluídos 364 por serem estudantes de outras regiões de ensino e 117 foram excluídos por nunca terem perpetrado violência em forma de *bullying* contra um ou mais colegas. Desta maneira, a amostra do presente estudo foi construída por 31 estudantes que auto-relataram ser agressores.

No estudo as variáveis sociodemográficas foram descritas como o ano escolar, o sexo, a idade, a situação de aprovação/reprovação escolar e a raça (ANEXO A).

Foram descritas como variáveis específicas deste estudo as quatro questões da parte III de um questionário já avaliado por juízes especialistas e aprovado, apresentado no estudo de

Sampaio *et al.* (2015). As questões são sobre a agressão, o tipo de violência perpetrada e a emoção do agressor após agredir a vítima.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Grillo e Santos (2015) os agressores de *bullying*, podem ser alunos de ambos os sexos, que apresentam como características individuais, traços de desrespeito e malvadeza, sendo por vezes considerados impulsivos e mau-caráter. Podem vir de uma família desestruturada e apresentar, desde cedo, inclinação à práticas infracionais.

A interação social entre alunos e seu ambiente físico, social e cultural pode influenciar no desenvolvimento de práticas agressivas entre pares. O *bullying* pode surgir num contexto de compensação de fragilidades individuais dos envolvidos, em especial na perspectiva do agressor, podendo ser encarado como parte da filogenia destes. Este, pode ainda decorrer de fenômenos socioculturais e/ou situações conflituosas em ambiente escolar, podendo ainda suceder como forma de retaliação ou vingança. Neste sentido, o agressor pode estar passando por um momento de estresse que o motiva a práticas violentas, mas, não se caracterizar como um aluno agressivo (LISBOA; BRAGA; EBERT, 2009).

Tendo em vista que o *bullying* é considerado atualmente um grave problema de saúde pública que, sob a visão dos envolvidos, está relacionado a graves danos físicos e psicológicos, é necessário compreendê-lo não apenas como um problema escolar, mas da sociedade. Desta forma é necessário apreender que ele surge como resultado da interação das relações entre ambientes familiar, escolar e sociedade. Não cabendo assim, colocar responsáveis, no papel de culpado, no que diz respeito ao surgimento das ações violentas (FREIRE; AIRES, 2012).

Na tabela 1 são representadas as características socioeconômicas dos alunos participantes da pesquisa, que se autodeclararam agressores. Evidenciou-se um número maior de agressores no 7º ano (32,25%) com decréscimo gradativo conforme aumenta a escolaridade. Quanto ao gênero, os números apontaram uma quantidade maior de agressores do sexo feminino (54,83%). Quanto à idade, observou-se predomínio de estudantes com 12 anos (38,70%). Quanto à situação de reprovação, os números encontrados mostraram que a maioria dos estudantes nunca reprovou. E, por fim, quanto à cor/raça, a maioria referiu ser de cor parda (51,61%).

Tabela 1: Caracterização dos estudantes agressores, segundo ano escolar, sexo, idade, reprovação e cor/raça. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019.

Variáveis	N	%
Ano Escolar		
6º	8	25,80
7º	10	32,26
8º	8	25,80
9º	5	16,14
Total	31	100,00
Sexo		
Feminino	17	54,84
Masculino	14	45,16
Total	31	100,00
Idade		
10	1	3,23
11	7	22,58
12	12	38,70
13	5	16,13
14	5	16,13
15	1	3,23
Total	31	100,00
Reprovação		
Nunca reprovei	27	87,10
Reprovei	4	12,90
Total	31	100,00
Cor		
Branca	7	22,58
Preta	4	12,90
Parda	16	51,62
Amarela	2	6,45
Indígena	2	6,45
Total	31	100,00

Fonte: Elaborada pelas autoras.

De acordo com o ano escolar o resultado desta investigação aponta que houve maior número de agressores no 7º ano. Rosário e Duarte (2010), em sua pesquisa, indicam que o número de vítimas diminui do 7º para o 9º ano, no entanto, o número de agressores permanece.

Tais dados divergem dos encontrados neste trabalho, ao passo que é possível notar um decréscimo no total de agressores conforme avança o ano escolar.

No que diz respeito ao gênero, a literatura aponta um predomínio de agressores do sexo masculino, evidenciado no estudo de Rech *et al.* (2013) o qual indica que estes, apresentam maior propensão a se tornarem agressores quando comparados ao sexo feminino. Silva, Dascanio e Valle (2016) em sua pesquisa, também apresentam dados que mostram uma tendência maior de envolvimento de meninos como autores das agressões, sendo as meninas mais caracterizadas como vítimas. Tais dados divergem do resultado encontrado no presente estudo, o qual evidencia indivíduos do sexo feminino como principais autores das práticas de *bullying*.

Na variável idade, a prevalência de agressores com 12 anos de idade é compatível com o ano escolar apontado com maior número de agressores, e condiz com a idade que é esperada para alunos em tal ano e, ainda, corrobora com a informação de que a reprovação não é uma realidade para a maioria dos agressores. Grossi e Santos (2009), utilizam o termo violência juvenil, descrito por Derbabeux e Blaya em 2002, para explicar a prática de atos violentos por jovens com idades entre 10 e 21 anos. Segundo as autoras, comportamentos violentos antes da puberdade podem ser indicativos de adolescentes e adultos mais agressivos. Assim sendo, o reconhecimento de tais dados torna possível a elaboração de medidas e intervenções com o intuito de reduzir as consequências danosas do fenômeno.

Sobre a relação agressor e reprovação, o resultado encontrado corrobora com a informação apresentada por Chicote e Martins (2009) em seu trabalho, os quais afirmam que o agressor apresenta baixo rendimento escolar, porém não se caracteriza como um indivíduo que possui dificuldade de aprendizagem, podendo por vezes, obter excelentes notas.

Sobre a cor, os números apresentaram como principais agressores, indivíduos de cor parda, porém, Oliveira *et al.* (2016), em seu trabalho, afirma que a etnia/cor não é um fator que está relacionado à prática de *bullying*, sendo mais comumente ligado às vítimas, no tocante à discriminação e preconceito.

A tabela 2 apresenta o número e percentagem das agressões praticadas de acordo com o sexo, evidenciando que entre as meninas é mais comum a demonstração de formas indiretas de *bullying*, com percentagem de 23,52% e 20,58% para fofocas e apelidos, respectivamente. Os dados encontrados revelaram que entre os meninos são recorrentes as agressões tanto do tipo direto quanto indireto, com percentagens de 29,41% para a utilização de apelidos e 23,52% para agressão física. O questionário aplicado para obtenção de dados permitia aos alunos marcar mais de uma alternativa sobre as práticas de *bullying* em que estavam envolvidos, desta forma,

evidenciou-se que alguns alunos foram responsáveis por mais de um tipo de exteriorização de violência. Sendo as meninas causadoras de 34 e os meninos de 17 episódios de violência.

Tabela 2 - Distribuição dos estudantes que foram agressores, segundo o sexo e os tipos de *bullying*. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019.

Agressão praticada	Meninas		Meninos	
	n	%	n	%
Agressão Física	3	8,82	4	23,52
Apelidar	7	20,58	5	29,41
Zoar ³	2	5,89	2	11,77
Fizeram fofoca	8	23,52	2	11,77
Pegaram algo sem permissão	3	8,82	1	5,88
Cyberbullying	3	8,82	0	0
Amedrontar	2	5,89	2	11,77
Isolar/excluir	4	11,76	1	5,88
Humilhar/xingar por causa da cor da pele	1	2,95	0	0
Humilhar/xingar por outro problema	1	2,95	0	0
Total	34	100,00	17	100,00

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os resultados encontrados no trabalho ratificam os apresentados no estudo de Marcolino *et al.* (2018), segundo o qual, os meninos estão mais envolvidos nas formas diretas de agressão, sendo os que mais praticam o *bullying* físico. As meninas por sua vez, estão mais envolvidas nas formas indiretas de violência (fofoca, exclusão, intimidação). Contudo, o *bullying* psicológico é o que acontece com mais frequência. E, segundo os autores, apesar da periodicidade desta forma de *bullying*, há ainda uma banalização destas ações no contexto escolar.

Há na literatura diversos estudos a respeito da prevalência das práticas de *bullying* e gêneros envolvidos, estes apresentam resultados semelhantes, colocando os meninos como os mais responsáveis por agressões do tipo físico ou ameaças verbais, apesar do envolvimento com outras formas de *bullying*. E, não diferente dos resultados encontrados anteriormente, as meninas ficam responsáveis pelo uso de apelidos, fofocas e exclusão (formas indiretas) (BANDEIRA; HUTZ, 2012).

O trabalho evidenciou um notável envolvimento das alunas com a prática de *cyberbullying*. Esta é uma prática recente de *bullying*, mas, que configura importante fator de

risco para desenvolvimento de ansiedade, uso de psicotrópicos, transtornos emocionais e prejuízos na escola por parte das vítimas. Para o agressor pode representar chances elevadas de relações conflituosas com pares, instabilidade e agressão (WENDT; LISBOA, 2014). Um fator preocupante é a rapidez com que as publicações se propagam e o difícil controle destas, bem como maior limitação na identificação destes agressores. Todavia, os estudos a respeito deste tipo de bullying ainda são escassos e passíveis de mais investimentos a fim de identificar tantos as condições agravantes quanto as intervenções relacionadas ao temas.

A tabela 3 apresenta o número e percentagem dos sentimentos vivenciados pelos agressores após praticarem as agressões. O total de meninas que não sentiram nada e as que sentiram vergonha após os episódios de agressão é equivalente (31,82%). Em relação aos meninos, a quantidade de participantes que afirmou não sentir nada após as agressões ficou proporcional a quantidade que declarou sentir tristeza (33,33%).

Tabela 3 – Sentimentos dos agressores após praticarem *bullying*, segundo o sexo. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019.

Sentimento	Meninas		Meninos	
	n	%	n	%
Não senti nada	7	31,82	4	33,33
Senti medo	3	13,63	0	0
Senti tristeza	2	9,09	4	33,33
Senti vergonha	7	31,82	2	16,66
Senti raiva	1	4,55	1	8,34
Senti vontade de não ir mais para a escola	2	9,09	1	8,34

Fonte: Elaborada pelas autoras.

É mais comum encontrar estudos relacionados à temática buscando a compreensão dos sentimentos sob a perspectiva da vítima, tendo em vista que é reconhecida a vasta dimensão das consequências do fenômeno sobre estas. Um ponto que é bastante considerado é o sentimento de vingança que pode levar a vítima a se tornar um agressor (SANTOS *et al.*, 2013).

No trabalho de Matos e Gonçalves (2009) o perfil do agressor é descrito como de um indivíduo que pode ter o sentimento de insegurança, ansiedade e baixa autoestima. Estes enxergam a violência de forma positiva e sentem pouca ou nenhuma empatia pelas vítimas. São sujeitos que possuem a necessidade de poder, dominação e controle sobre os demais. Segundo Pingoello e Horiguela (2009) esta sensação de poder provoca um sentimento de superioridade,

e podem ser práticas eficazes para diversão e autoafirmação dos autores, que por vezes, podem influenciar seus espectadores a se tornarem repetidores de suas atitudes.

Para Cardoso, Graça e Amorim (2015) as consequências do *bullying* podem influenciar tanto na saúde mental dos envolvidos, quanto no que diz respeito a qualidade de vida. Isto pode ser observado na forma como os adolescentes desenvolvem suas relações interpessoais, bem como na manutenção dos relacionamentos entre seus pares e também no seu desempenho educacional. Segundo os autores é fundamental a elaboração de programas para a resolução do problema, com abrangência de todos os fatores citados, assim como, competências capazes de diminuir os fatores de riscos aos quais estes adolescentes estão suscetíveis.

Todavia, os trabalhos a respeito dos sentimentos vivenciados após os episódios de violência ainda são bastante limitados, requerendo assim mais investimentos e estudos relacionados à temática.

Neste sentido, os comportamentos de conflitos provocados pelo *bullying*, apontam uma realidade nas escolas, trazendo, desta maneira uma perspectiva de intervenções, não apenas para alvos da violência (vítimas), mas, em especial, para os agressores, provocadores das situações de violência intencional, a partir de ações intersetoriais, a fim de interromper o ciclo do *bullying* no espaço escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados encontrados, constatou-se que o *bullying* está presente no ambiente escolar e é exteriorizado das mais diversas formas, por alunos de ambos os sexos. Dado o reconhecimento de tais dados e das consequências danosas, tanto para vítimas, quanto para os agressores deste tipo de violência, que já vêm sendo citadas nos mais diversos estudos, faz-se importante reconhecer o perfil dos alunos envolvidos nestas práticas, na condição de agressores.

Através da identificação das características destes estudantes envolvidos, e da consciência dos riscos aos quais estão expostos, é possível desenvolver um trabalho de empoderamento com perspectiva de aproximá-los da autonomia frente às situações de conflitos gerados pelo *bullying*, por meio de planos de intervenção, junto à escola e aos profissionais envolvidos, a fim de reduzir o número de atos de violência e danos a ela relacionados.

É indispensável o envolvimento ativo de toda a comunidade escolar, bem como dos familiares responsáveis, em ações que visem a resolução ou minimização do problema diagnosticado, isto pode se dá através de atividades que estimulem o diálogo entre pares e,

também entre alunos e professores, pois, para que medidas sejam tomadas, os atos violentos devem ser denunciados.

Diante das consequências listadas, sob a perspectiva do agressor, ressalta-se a importância de, não apenas identificar e punir o agressor, mas, de procurar a compreensão dos fatores que levam estes a se envolverem nos episódios de violência, bem como, fornecer apoio necessário para a resolução e superação de situações conflituosas que desencadeiam os atos violentos. Por vezes o reconhecimento da estrutura familiar destes sujeitos, e o envolvimento de pais e responsáveis podem constituir importante fator para a elaboração de intervenções eficazes.

Sabe-se que há um longo e árduo trabalho para que seja minimizado tal problema, e para que isto ocorra, a escola deve estar comprometida em realizar um exercício contínuo de supervisão e sensibilização em relação à temática, com o apoio de outros setores, em especial, a saúde. Estimulando a reflexão dos adolescentes e de todos os envolvidos na formação destes, a respeito do impacto a curto e longo prazo que estes sofrem em decorrência desta violência em ambiente escolar.

A ação multissetorial dos setores educação e saúde é essencial neste processo de elaboração de intervenções eficazes. Neste contexto, a enfermagem, é uma profissão que está presente nos mais diversos cenários, inclusive escolar, e que permanece mais tempo junto aos usuários. Desta forma, os enfermeiros devem estar aptos para atuar frente à prevenção, reconhecimento e ainda fornecendo estratégias de enfrentamento aos envolvidos.

REFERÊNCIAS:

ALBINO, P. L.; TERÊNCIO, M. G. Considerações Críticas Sobre o Fenômeno do Bullying: do Conceito ao Combate e à Prevenção. **Revista Eletrônica do CEAf**. Porto Alegre – RS, v. 1, n. 2, p. 1-21, mai. 2012.

BANDEIRA, M. C.; HUTZ, C. S. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 35-44, Jan./Jun. 2012.

BARROS, P. C.; CARVALHO, J. E. PEREIRA, M. B. F. L. O. Um Estudo Sobre o Bullying no Contexto Escolar. In: **Anais do IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE**, III, 2009. PUCPR, 2009, p. 5739.

BRINO, R. F.; LIMA, M. H. C. G. Compreendendo Estudantes Vítimas de Bullying: Para Quem Eles Revelam?. **Psicologia da Educação**, São Paulo, v, 40, p. 27-39, 2015.

CARDOSO, L. B. F.; GRAÇA, L. C.; AMORIM, M. I. S. P. L. Sentido interno de coerência, qualidade de vida e bullying em adolescentes. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 16, n. 3, p. 345-358, Set. 2015.

CHICOTE, I. P. M.; MARTINS, M. S. A. Bullying o pesadelo da escola. **Nucleus**, São Paulo, v.6, n.2, p. 345-354, Out. 2009.

FORLIM, B. G.; STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A. Relação entre Bullying e Sintomas Depressivos em Estudantes do Ensino Fundamental. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 31, n. 3, p. 367-375, Jul./Set. 2014.

FREIRE, A. N.; AIRES, J. S. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 55-60, Jan./Jun. 2012.

GOMES, A. E. G.; REZENDE, L. K.; Reflexões Sobre Bullying na Realidade Brasileira Utilizando a Técnica de Análise de Conteúdo: Revisão Bibliográfica. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**. São Paulo, v.11, n.1, p. 112-119. 2012.

GOMES, P. B. Bullying: um Desafio Para as Nossas Escolas. **Revista Querubim**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 89-95, Jun. 2011.

GRILLO, M. A.; SANTOS, A. C. S. Bullying na escola. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 12, n. 3, p. 61-74, jul./set. 2015.

GROSSI, P. K.; SANTOS, A. M. Desvendando o Fenômeno Bullying nas escolas públicas de Porto Alegre, RS, Brazil. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 22, n. 2, p. 249-267. 2009.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015 – PENSE**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>>. Acesso em: 21 de Outubro 2018.

LISBOA, C.; BRAGA, L. L.; EBERT, G. O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. **Contextos clínicos**, Rio Grande do Sul, v, 2, n. 1, p. 59-71, Jan./Jun. 2009.

MARCOLINO, E. C.; CAVALCANTI, A. E.; PADILHA, W. W. N.; MIRANDA, F. A. N.; CLEMENTINO, F. S. Bullying: Prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. **Texto e Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 1-10, Mar. 2018.

MATOS, M. G.; GONÇALVES, S. M. P. Bullying nas escolas: comportamentos e percepções. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 10, n. 2, p. 3-15, Dez. 2009.

OLIVEIRA, W. A.; SILVA, M. A. I.; SILVA, J. S.; MELLO, F. C. M.; PRADO, R. R.; MALTA, D. C. Associations between the practice of bullying and individual and contextual variables from the aggressors' perspective. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 92, n. 1, p. 32-39. 2016.

PINGOELLO, I.; HORIGUELA, M. L. M. **Bullying na sala de aula**. XIIf. Dissertação do Pós-Graduação em Educação, Universidade Paulista “Julio de Mesquita Filho” campus de Marília, SP. 2009.

RECH, R. R.; HALPERN, R.; TEDESCO, A.; SANTOS, D. F. Prevalence and characteristics of victims and perpetrators of bullying. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 89, n. 2, p. 164-170, Set. 2013.

SALOMÃO, A. C. M; XAVIER, J. A. **A atuação da enfermagem no diagnóstico situacional do bullying escolar na capital federal brasileira**. 2017. Disponível em: <https://www.publicacoes.uniceub.br/pic/article/view/5823>. Acesso: 16 maio 2019.

SAMPAIO, J. M. C.; SANTOS, G. V.; OLIVEIRA, W, A.; SILVA, J. L.; MEDEIROS, M.; SILVA, M. A. I. Prevalência de Bullying e Emoções de Estudantes Envolvidos. **Texto e Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v, 24, n. 2, p. 344-352, Abr./Jun. 2015.

SANTOS, L. C. S.; MARTINS, M.; FILHO, M, D. S.; MARTINS, M. C. C.; SOUZA, E. M .S. A cultura bullying na escola a partir do olhar das vítimas. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 27-40. 2013.

SILVA, M. A. I.; SILVA, J. L.; PEREIRA, B. O.; OLIVEIRA, W. A.; MEDEIROS, M. O Olhar de Professores Sobre o Bullying e Implicações Para a Atuação da Enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 48, n, 4, p. 723-730, Ago. 2014.

SILVA, F; DASCANIO, D; VALLE, T. G. M. O fenômeno bullying: diferenças entre meninos e meninas. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 26-46, Jan./Abr. 2016.

ROSÁRIO, A. C; DUARTE, M. A agressão/vitimação entre pares: Um Estudo longitudinal com alunos do 3º ciclo do ensino básico. **Revista AMazônica**, Humaitá, v.5, n. 2, p. 7-22, Jul./Dez. 2010.

TOGNETTA, L. R. P; VINHA, T.P. Bullying e intervenção no Brasil: um problema ainda sem solução (2010). In: **Actas do 8º. Congresso Nacional de Psicologia da Saúde: Saúde, Sexualidade e gênero**. ISPA – Instituto Universitário. Lisboa, Portugal. 2010.

TOGNETTA, L. R. P.; ROSÁRIO, P.; Bullying: Dimensões Psicológicas no Desenvolvimento Moral. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 24, n. 56, p. 106-137, Set./Dez. 2013.

WENDT, G. W.; LISBOA, C. S. M. Compreendendo o Fenômeno do Cyberbullying. **Temas em Psicologia**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 39-54. 2014.

APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAR O BANCO DE DADOS

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACES
CURSO DE ENFERMAGEM
CAMPUS DO UNICEUB – ASA NORTE – BRASÍLIA-DF
CEP: 70790-075 – TELEFONE: (061) 3966-1201

Brasília, 15 de fevereiro de 2019

Ilma. Sra.

Profa. Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio

Prezada Senhora

Solicito a autorização para a utilização do banco de dados do trabalho de iniciação científica intitulado: **A atuação da enfermagem no diagnóstico situacional do bullying escolar na capital federal brasileira** sob sua orientação, para o desenvolvimento do projeto de bacharelado em enfermagem intitulado **Características de agressores de bullying em uma região administrativa de Brasília-DF** da bacharel Raimara Ferreira de Andrade Costa, regularmente matriculada no curso de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília- UniCEUB.

Sem mais para o momento, subscreve-nos.

Atenciosamente,

Raimara Ferreira de Andrade Costa

Eu Julliane Messias Cordeiro Sampaio, autorizo a utilização do banco de dado mediante a assinatura do termo de compromisso em assumir sigilo e confidencialidade

Julliane Messias Cordeiro

**APÊNDICE B – TERMO DE COMPROMISSO EM ASSUMIR SIGILO E
CONFIDENCIALIDADE**

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACES
CURSO DE ENFERMAGEM
CAMPUS DO UNICEUB – ASA NORTE – BRASÍLIA-DF
CEP: 70790-075 – TELEFONE: (061) 3966-1201

Brasília, 15 de fevereiro de 2019

Ilma. Sra.

Profa. Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio

Prezada Senhora

Eu, **Raimara Ferreira de Andrade Costa**, regularmente matriculada no curso de Enfermagem do Centro Universitário de Brasília- UniCEUB, assumo a responsabilidade de manter sigilo sobre os dados coletados da pesquisa intitulada ***Bullying no contexto escolar: avaliação de um programa de intervenção desenvolvida*** pela Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio, bem como solicitar a autorização para publicações advindas desta pesquisa.

Sem mais para o momento, subscreve-nos.

Atenciosamente

Raimara Ferreira de Andrade Costa

ANEXO A - QUESTIONÁRIO

Questionário

Bullying no contexto escolar: proposta e avaliação de um programa de intervenção.

MARQUE COM UM X OU ESCREVA AS RESPOSTAS NAS LINHAS

Parte I

1. Em que série (ano) escolar você está?

5() 6() 7() 8()

2. Você é do sexo

feminino (1) masculino (2)

3. Quantos anos você tem?

10() 11() 12() 13() 14() 15() 16() 17()
anos

4. Você já repetiu de ano/série alguma vez?

() nunca reprovei
() já reprovei

5. Qual a sua cor/raça?

() branca () preta () parda () amarela
() indígena

Parte II

1. Você já foi ameaçado, humilhado ou agredido na escola?

() ninguém nunca me ameaçou, me humilhou ou me agrediu na escola
() sim (≥3 vezes)

Caso você tenha respondido ninguém nunca me ameaçou, me humilhou ou me agrediu na escola na pergunta anterior (pergunta nº 1) vá direto para a pergunta nº10, pulando as perguntas de 2 a 9.

Se você respondeu sim continue respondendo a partir da próxima pergunta (pergunta nº 2)

2. Quando foi a última vez que te ameaçaram, te humilharam ou te agrediram na escola?

() nos últimos 06 meses
() há mais de 06 meses

3. O que fizeram com você? Se quiser pode marcar mais de uma resposta.

() me bateram, me deram murros ou pontapés
() me puseram apelido
() ficaram zutando de mim
() falaram coisas de mim, fazendo fofoca
() pegaram alguma coisa minha sem a minha permissão
() falaram de mim pela internet ou por mensagens do celular
() me puseram medo
() me isolaram ou me deixaram sozinho
() me humilharam ou me xingaram por causa da cor da minha pele
() me humilharam ou me xingaram por causa de algum problema que tenho. Qual problema? _____

4. Em que lugar isso acontece ou aconteceu? Pode marcar mais de um lugar se quiser.

() na sala de aula
() no recreio
() no banheiro
() na porta da escola
() nos corredores da escola
() no refeitório
() no caminho de casa
() em outro lugar – Qual? Diga o lugar _____

5. Você contou para alguém quando isso aconteceu?

() Não contei
() sim, disse aos meus amigos
() sim, disse ao professor, ao coordenador ou funcionário da escola
() sim, disse ao meu pai ou a minha mãe
() sim, à outras pessoas da minha família

6. Quando você contou à alguém que te ameaçaram, te humilharam ou te agrediram, o que aconteceu?

() não contei nada à ninguém
() a pessoa para quem eu contei não acreditou em mim
() a pessoa para quem eu contei não fez nada

- a pessoa para quem eu contei conversou
- a pessoa para quem eu contei chamou a atenção do meu colega
- a pessoa para quem eu contei me ajudou de outra forma. Qual? _____

7. Qual a idade dos alunos que te ameaçaram, te maltrataram, te humilharam ou te agrediram na escola? Pode marcar mais de uma resposta se quiser.

- são da minha idade
- são mais novos do que eu
- são mais velhos do que eu

8. Qual é o sexo do aluno que te ameaçou, te maltratou, te humilhou ou te agrediu na escola?

- são meninos
- são meninas
- são meninos e meninas

9. Como você se sentiu ao ser ameaçado, humilhado ou agredido na escola? Se quiser pode marcar mais de uma resposta.

- não senti nada
- fiquei com medo
- fiquei triste
- fiquei envergonhado
- fiquei com raiva
- senti vontade de não ir mais para a escola

10. O que você acha de alguém que maltrata, ameaça, humilha ou agride aos outros na escola?

- não acho nada
- não gosto deles
- tenho pena deles
- quero ser como eles
- tenho raiva deles

Parte III

1. Você alguma vez ameaçou, maltratou, humilhou ou agrediu outro colega na escola?

- não
- sim (≥ 3 vezes)

Caso você tenha respondido eu nunca ameacei, humilhei ou agredi outro colega na escola na pergunta anterior (pergunta nº 1) não precisa responder as outras perguntas abaixo.

Se você respondeu sim continue respondendo a partir da próxima pergunta (pergunta nº 2)

2. O que você fez? Se quiser pode marcar mais de uma resposta

- eu bati, dei murros ou pontapés
- eu coloquei apelido em alguém
- eu fiquei zuando por causa deste apelido
- eu fiz fofoca de um colega
- peguei alguma coisa de um colega sem permissão
- falei mal de um colega pela internet ou por mensagens do celular
- coloquei medo no colega
- isolei ou deixei meu colega de lado
- xinguei ou zuei um colega por causa da sua cor de pele
- xinguei ou zuei um colega por causa de algum problema que ele tem. Qual problema? _____

3. Quando foi a última vez que você ameaçou, maltratou, humilhou ou agrediu um colega na escola?

- nos últimos 06 meses
- há mais de 06 meses

4. Como você se sentiu quando você maltratou, humilhou ou agrediu alguém na escola?

- não senti nada
- senti medo
- senti tristeza
- senti vergonha
- senti raiva
- senti vontade de não ir mais para a escola.

